



DE UMA TOUCA ALFA À INVASÃO DO CAPITÓLIO: identidades como processos relacionais e abertos

FROM A WINTER HAT TO THE INVASION OF THE CAPITOL: identities as relational and open processes

DE UN GORRO ALFA A LA INVASIÓN DEL CAPITOLIO: identidades como procesos relacionales y abiertos

Juracy Assmann Saraiva¹ & Isaque Gomes Correa²

Resumo: O artigo analisa a questão identitária na atualidade e justifica-se pela relevância que a temática assume no Brasil, hoje, quando seus grupos constitutivos vivem tensões político-culturais, decorrentes de conflitos ideológicos, migrações e da mutabilidade que a pós-modernidade impõe. O texto enfoca duas ocasiões, o uso de uma vestimenta por duas adolescentes e a invasão recente do Capitólio por apoiadores de Donald Trump. A partir desses temas, reflete em torno das concepções de identidade relacional e essencialista dos sujeitos e dos grupos sociais. Conclui que o caráter relacional de identidade, forjado na aceitação do outro, abre portas para a relativização identitária, podendo conduzir os indivíduos à percepção da necessidade de acolher o diferente, a alteridade, comportamento que gera cooperação e solidariedade.

Palavras-chave: Identidades; Sujeito; Concepção relacional; Alteridade.

¹ Juracy Assmann Saraiva é professora doutora da Universidade Feevale. Pesquisadora em produtividade do CNPq. Professora e pesquisadora na Universidade Feevale. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1783-2850>. Email: juracy@feevale.br.

² Isaque Gomes Correa é mestrando em Processos e Manifestações Culturais, na Universidade Feevale. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7761-3516>. Email: isaque.correa@gmail.com.

Abstract: The paper analyzes the identity issue at the present moment and is justified by the importance such a topic takes on in Brazil today, when its constituent groups live political and cultural tensions that come from ideological conflicts, migrations, and the mutability imposed by post-modernity. It highlights two occasions, first the use of a winter hat by two teenagers, and the recent invasion of the Capitol by Donald Trump supporters. Based on these topics, it reflects upon the relational and the essentialist identity conceptions of subjects and social groups. It concludes that the relational character of identities, forged in accepting the Other, opens doors to the identity relativism, and it might lead people to realize the need of welcoming the different, alterity, a behavior that creates cooperation and solidarity.

Keywords: Identities; Subject; Relational conception; Alterity.

Resumen: El artículo analiza el tema identitario actual y se justifica por su relevancia en Brasil, hoy, cuando sus grupos constitutivos viven tensiones político-culturales, producto de los conflictos ideológicos, las migraciones y la mutabilidad que impone la posmodernidad. El texto se centra en dos ocasiones, el uso de una ropa por dos adolescentes y la reciente invasión del Capitolio por partidarios de Donald Trump. A partir de estos temas, reflexiona en torno a las concepciones de identidad relacional y esencialista de sujetos y grupos sociales. Se concluye que el carácter relacional de la identidad, forjado en la aceptación del Otro, abre las puertas a la relativización de la identidad, lo que puede llevar a los individuos a la percepción de la necesidad de acoger lo diferente, la alteridad, comportamiento que genera cooperación y solidaridad.

112

Palabras clave: Identidades; Sujeto; Concepción relacional; Alteridad.

UMA CONCEPÇÃO não essencialista

A problemática da identidade dos indivíduos é um dos temas atualmente debatidos na academia e na sociedade em geral, em seus grupos civis organizados, incluídos os partidos políticos que, frequentemente, apresentam um (re)enquadramento de identidade (POLLAK, 1992), uma renomeação da sigla partidária, a fim de se adaptarem aos novos tempos, mostrar um novo rosto ou, simplesmente, conquistar novos públicos. O tema da identidade, cuja natureza aparentemente se circunscreve a indivíduos ou grupos, tem relações com o que acontece em nível global e se manifesta no particular, com as migrações em massa, com os deslocamentos internos, com o advento das redes sociais e com as novas formas de subjetividade que, nesse ambiente, se vão construindo. Não é por

acaso que se fala de uma “verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de ‘identidade’” (HALL, 2000, p. 103).

Nas reflexões sobre o tema em foco, emergem duas concepções contrastantes, uma das quais cede lugar à outra. Ambas são abordadas por Hall (2000) e por Woodward (2012), teóricos que introduzem o leitor à problemática da identidade e da identificação, questão inerente à presente reflexão. Segundo estes autores, uma perspectiva essencialista adota a noção segundo a qual a identidade de uma pessoa é a característica que dela faz um ser único e peculiar, característica que induz a pessoa a se expressar conforme essa tendência intrínseca, em todas as situações sociais. Em uma segunda concepção, a identidade é compreendida como relacional e composta de *constructos* plurais, que são cambiantes segundo o tempo e o espaço da manifestação do sujeito. Nesse segundo caso, a identidade da pessoa institui-se gradativamente na sua relação com o contexto e com outros sujeitos, em um processo contínuo que se estende ao longo da vida.

Entre outros autores contemporâneos, Hall (2000) rejeita a concepção de identidade do sujeito como integral, original, unificada, a qual traz em si uma clara alusão ao sujeito transcendental do idealismo alemão e, mesmo, ao sujeito racionalista cartesiano. Também Woodward (2012, p. 12) critica a concepção de identidade de caráter essencialista, que postula a existência de um “conjunto cristalino, autêntico, de características [...] que não se altera ao longo do tempo”. A essa forma de conceber a identidade humana opõe-se a abordagem *não* essencialista, que considera a relação entre sujeitos na formação identitária. Esse paradigma, que enfatiza o aspecto relacional das identidades, a relação com o outro – aquele que não somos, mas que forma o nosso exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito (BUTLER, 2002) –, analisa as relações discursivas, simbólicas e sociais na constituição dos papéis que os membros da sociedade desempenham e que são constituídas em espaços históricos e institucionais (HALL, 2000).

É a segunda abordagem, a relacional, que orienta o presente artigo, cuja reflexão tem origem em situações reais que permitem expor, ainda que de forma sumária, a problemática das identidades no contexto atual. Essa problemática se expõe nas tensões políticas e sociais, que eclodem no Brasil e em outros países, e repercute nos indivíduos, em grupos humanos, nas instituições, e, conseqüentemente, em suas identidades, como se exemplifica a seguir.

O SUJEITO MÚLTIPLO E cambiante

A identidade, que nunca é um *a priori* e nem um produto acabado, sendo “apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade” (BHABHA, 1998, p. 85), e sua constituição no indivíduo, pode ser pensada como uma questão privada. Porém, a observação mostra que a identidade do sujeito sempre inclui o rompimento com certos vínculos, o cancelamento de algumas obrigações, e também a adesão a novos elos e o comprometimento com novos encargos. Em outras palavras, a questão da identidade, conquanto se materialize na pessoa individual, possui inevitavelmente uma dimensão social ou coletiva. Ao mesmo tempo, percebe-se que há uma mobilidade e uma flexibilidade no processo de identificação, que são caracterizadoras da vida em sociedade, particularmente em uma sociedade de consumo, contexto em que a fragilidade, a fragmentação, a instabilidade e a inconstância marcam a vida humana em geral (BAUMAN, 2001).

Esses dois aspectos, o coletivo e o mutável das identidades, subjacentes às reflexões de Bauman (2001) e Hall (2000), traduzem a compreensão de realidade social e da pessoa como não essencialista. Apontam, assim, para concepção de vida como uma obra de arte que se vai construindo aos poucos.

114

Essa construção de si, da própria vida, da identidade individual, como uma obra produzida com o passar do tempo, feita pelos objetos que a história dispõe em cada época e pelos grupos culturais constituídos, com ideias e práticas próprias, é exemplificada pelo comportamento de duas adolescentes diante da compra de uma touca de inverno, episódio fortuito que, no entanto, levou a estas reflexões com o auxílio dos teóricos presentemente citados. De igual modo, tal construção identitária pode ser notada no evento ocorrido em Washington, DC, no começo de 2021, quando milhares de pessoas, afeiçãoadas com uma causa política, invadiram o Congresso nacional e protagonizaram cenas de violência extrema.

O complemento do vestuário de adolescentes, cuja finalidade primeira é a de proteger do frio, pode servir de símbolo para marcar uma identidade pessoal, uma posição que se deseja firmar. Da mesma forma como o consumo de uma determinada carteira de cigarro pode funcionar como um marcador identitário e sugerir certa masculinidade, tradição, seriedade (WOODWARD, 2012), a touca de inverno “Alfa”, preferida por alguns jovens em detrimento de outras toucas,

não só significa proteção em determinada época do ano como também simboliza o pertencimento a um determinado grupo social, que combina seu modo de vestir com uma forma de locomoção, em que entram *skate*, patins, *longboard*, e até com uma modalidade especial de comunicação, em que a singularidade das gírias se faz notar.

O fato de duas adolescentes estabelecerem a marca de uma touca – a marca “Alfa” –, como condição *sine qua non* para o uso da vestimenta, mostra a construção pessoal de sua identidade: por um lado, pela inclusão em um grupo de jovens que adotam a marca e, por outro, pela exclusão em relação a outros grupos nos quais a marca é ignorada ou até mesmo menosprezada. Portanto, o sentido da touca ganha um valor simbólico que transcende sua finalidade utilitária, sendo-lhe agregadas as conotações de juvenildade, modernidade, opulência. Ao se assumirem como membros do grupo que veste “Alfa”, as adolescentes presentificam a ideia de que a inserção social prevê o desempenho de encenações, das quais o figurino cenográfico faz parte.

Conforme se observa e segundo mostram autores dedicados ao tema da identidade, há uma variedade de papéis desempenhados em sociedade e, em cada um, o sujeito põe em prática uma certa forma de ser e estar. Nesse sentido, Bauman (2001) refere que ser um sujeito moderno, por exemplo, significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não realizado, aberto e plural. Também Bhabha (1998), ao refletir sobre os processos culturais, aponta para a identidade como um produto inacabado, um processo problemático e que inexistente *a priori*. O autor indiano destaca o caráter relacional das identidades humanas construídas nas fissuras, travessias e negociações entre as esferas interna e externa, pública e privada, psíquica e política, nas quais papéis variados são postos em ação. Igualmente Woodward (2012), ao criticar a concepção identitária de caráter essencialista, escreve que, sob a compreensão relacional, os sujeitos, nos ambientes que ocupam e nos ofícios que desempenham, formam um vir a ser constante, cujas identidades não são fixas nem completas. Em vez disso, são permeadas por certo deslizamento. Esse fenômeno expõe-se na constituição da identidade social do sujeito, que se constrói sempre por meio de sua diferença em relação ao outro, esse ente que não é o próprio eu, mas que é seu constitutivo. Portanto, como afirma Todorov (2003), o eu não é uma substância homogênea; o eu é um outro.

Uma vez que nasce em sociedade, o ser humano estabelece relações com outros partícipes de seu espaço, perfazendo o que Buber (2001) chama de intersubjetividade: o Eu-Tu formulado pelo filósofo que aponta para a integralidade do todo, instaurado na presença e na relação entre sujeitos. Consequentemente, a identidade buscada pelas adolescentes não é a única que as compõe: é apenas uma de suas múltiplas faces, provavelmente temporária, instituída segundo a moda do momento, em acordo com suas circunstâncias de vida e de suas relações. Ela não aponta para uma essência interna, na qual usar dado objeto seria expressão de um epifenômeno. É, antes, um projeto em aberto.

Conceber a identidade individual desse modo é concordar que, no processo de produção da vida, há uma multiplicidade de papéis individuais, desempenhados sob diferentes formas, os quais indicam que um indivíduo ajustado socialmente é aquele que, segundo as expectativas dos contextos que ocupa, situa-se conforme o esperado ou o tolerado pela maioria (DURKHEIM, 1983). Nesse sentido, a qualidade relacional da constituição de identidades torna-se evidente, e as reflexões a respeito dos contratos sociais, firmados pelos sujeitos do discurso em seus infinitos atos comunicativos, ganha sentido dentro de uma cultura historicamente situada (CHARAUDEAU, 2012; BHABHA, 1998).

Na ocasião em que pediram de presente a touca Alfa, as adolescentes demonstraram aquilo que Woodward (2012) chama de identidade relacional, em que a marcação simbólica do sujeito acontece em oposição ao outro. Por terem e vestirem um determinado objeto, as jovens estabelecem fronteiras com aquilo a que querem ser associadas ou do que querem se distanciar em termos identitários. É por meio de uma touca da moda, relativamente cara e de grife, que demonstram que querem ser aceitas ou vistas como membros de um dado grupo entre os colegas de escola, amigos de bairro, fiéis da igreja que frequentam, dos primos, daqueles que as seguem nas redes sociais. A marcação identitária estabelece-se, porém, não só em consonância, mas também em oposição em relação àqueles outros jovens que não usam ou não têm o gorro Alfa entre suas indumentárias. Esse desejo de querer ser tal e qual possui, portanto, marcas contrárias às dos indivíduos com quem essas adolescentes não querem se assemelhar, definindo-se, assim, a identidade do outro, daquele com quem não estabelecem um pacto de aproximação, mas em relação a quem instauram a cisão e demarcam a diferença (HALL, 2000; WOODWARD, 2012). Nos estudos sobre o tema da identidade, a partir da concepção não essencialista, o outro surge, pois, como foco de análise e

elemento central. Isso porque, na pós-modernidade, a alteridade configura-se como parte constitutiva do ser individual em suas formas de estar no mundo.

Na invasão do Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, expõe-se um comportamento, agora coletivo, com base em uma identidade assumida e/ou produzida em um processo coletivo e discursivo de identificação (HALL, 2000). Esse processo de identificação pode ser comparado ao que se passa com pessoas tomadas por uma identificação religiosa extremada que molda, por completo, o olhar que elas lançam à realidade: o elemento simbólico da religião impõe-se, até mesmo, em situações que o contradizem objetivamente e em que se torna flagrante a disparidade entre o mundo real e a representação dele feita. Na capital americana, milhares de cidadãos, identificados com uma causa construída discursivamente, moldaram uma cosmovisão da situação política daquele país, contra a qual se manifestaram, ultrajando um símbolo que deveria integrá-los em torno de sua concepção de nação. Eles agiram com violência, impulsionados, ulteriormente, por um processo de identificação, o qual os induziu a se opor contra os “outros”, os cidadãos contrários ao presidente Trump ou aqueles que não comungam de seu ponto de vista quanto aos direitos de cidadania e ao respeito às diferenças. Este processo identitário, do qual todo ser humano, em maior ou menor grau, participa, caracteriza-se por ser incondicional e alojado na contingência.

Reservadas as proporções nos planos material e humano, o evento do início de 2021, ocorrido no congresso federal americano, pode ser colocado, nos planos simbólico e histórico, no mesmo patamar daquele ocorrido no 11 de setembro de 2001. A mobilização havida entre os insurgentes contou com a noção de haver um nós em oposição a um eles claramente marcados: os cidadãos pró-Trump e aqueles contrários ao ex-presidente. Aqui, o sentimento de haver uma causa comum agregadora – a defesa da suposta vitória nas eleições nacionais por Donald Trump –, mostrou-se no uso de materialidades, os bonés da campanha *Make America Great Again* (MAGA) e *America First*, bandeiras e camisetas nacionalistas. Esses símbolos revelam que movimentos culturais, via processos de identificação e representação fundamentalmente discursivos, podem ganhar uma força tão poderosa que são capazes de alterar o *status quo*. Uma multidão enfurecida, portas e janelas derrubadas, salas invadidas ameaçaram, por algumas horas, até mesmo a maior e mais duradoura instituição democrática do mundo. Identificados com uma ideia, cidadãos arriscaram sua liberdade individual e

sobrepuseram à realidade uma vontade inaceitável em termos de civilização. Os resultados foram a ação policial, mortes e prisões subsequentes.

Tendo em mente a mobilização política e ideológica em torno de Donald J. Trump, que, para uma parcela dos americanos, conta com uma identificação quase religiosa, no sentido de que, nele, veem um salvador nacional (SMITH, 2020)³, e tendo em mente o que ocorre no Brasil, na última década, em termos do acirramento político-partidário, sustentado por discursos díspares, cabe a pergunta se hoje, na era da comunicação, as pessoas estão *de facto* conseguindo se comunicar. São elas capazes de tornar as coisas simples via linguagem e concordar em bases que permitem a compreensão mútua, o diálogo racional? Os brasileiros conseguem discutir problemas comuns e, a partir daí, comungar como intersujeitos que são o todo integral apontado por Buber (2001)? Os meios digitais de comunicação, estes instrumentos humanos, buscam a neutralidade em meio às polaridades no seio social? Inevitavelmente, eles influenciam subjetividades e novas formas de ser e atuar, mas essas aproximam os iguais e afastam os diferentes? De fato, não por acaso, Hall (2000) refere-se à explosão discursiva sobre o conceito de identidade, cujas questões se acentuaram presentemente como decorrência da midiatização da vida e sua interferência “nas formas de vivenciar o tempo e o espaço na vida das pessoas” (MARIN, 2008, p. 1).

118

Hall (2000) salienta que os processos de identificação são construções coletivas e sociais que nunca se completam. Eles são permeados por um trabalho discursivo, que não tende a um fechamento em si, jamais se conclui e que marca fronteiras simbólicas. Não só no nível individual, mas também no nível grupal, vê-se que as identidades e os processos de identificação possuem semelhanças nos variados campos da atividade humana – político, religioso, artístico, filosófico – e que eles modelam, em graus diferentes, a forma como as consciências se relacionam com o real.

Dar-se conta de que as identidades são construídas no tempo e que não são imutáveis, pelo contrário, são marcas em aberto delimitadas, necessariamente, na

³ Em março de 2020, cerca de um terço dos americanos viram “a mão de Deus nas eleições presidenciais” (SMITH, 2020, s.p.). Quatro anos após a eleição de Trump, líderes religiosos ponderavam a respeito do papel divino havido em sua ascensão ao poder. À época, disseram que o presidente “está no poder aqui neste momento porque Deus assim ordenou” e que “Deus esteve por trás da última eleição [que elegeu Trump]” (SMITH, 2020, s.p.).

relação com o *alterego*, pode servir para que se evitem extremismos. Esses acabam, via de regra, estabelecendo um eu oposto a um não eu, o qual, de tão antagônico, precisaria ser anulado, o que, por vezes, gera violência física e simbólica. Talvez seja essa a lição maior a ser apreendida com as leituras em torno do tema da identidade oferecidas pelos autores que embasam este artigo.

Particularmente, Bhabha (1998), Todorov (2003), Woodward (2012) e Hall (2000) destacam que a ideia da alteridade na constituição dos sujeitos é, antes de tudo, fundamental e fundacional, dado que é o outro que permite a construção do eu. Para eles, o eu é a face especular do outro, um ser formado pelo próximo, composto nas relações sociais, nos encontros, nas descobertas. Embora fruto de um processo natural, cultural e historicamente datado, o homem é marcadamente heterogêneo e fundado na alteridade.

Essa verdade pode ser percebida no fato de que o indivíduo se reconhece e se constitui como tal na presença daquele que ele não é. O fenômeno ocorre nos primeiros anos de vida de uma criança na presença da figura materna: o filho se reconhece na diferenciação que faz da mãe em determinado momento de seu desenvolvimento, isto é, daquele ser que não é ele mesmo. Nesse ponto, a expressão adequada talvez seja a de Butler (2002), acima enunciada, segundo a qual há um exterior constitutivo, que não é o indivíduo, mas que o forma. A obra de arte identitária que as adolescentes, citadas antes, buscam construir e a identificação que levou os insurgentes americanos à ocupação do edifício público estão marcadas por este não eu, por uma representação da realidade feita discursivamente em oposição a formas que as adolescentes brasileiras e os insurgentes americanos negam e que, nessa negação, os constituem.

É de se notar também que este fator de alteridade, este ente relacional exterior, apresenta-se como móvel, flexível, instável, fragmentário e não muito claro. Assim como o eu, produto coletivo e que se constrói segundo os contextos e papéis neles desempenhados (DURKHEIM, 1983), com mais ou menos competência, e variantes no tempo⁴, o outro também é um ser não portador de

⁴ Para Durkheim (1983), o sujeito, lançado na sociedade política complexa desde o nascimento, desempenha papéis sociais, por sua vez atrelados ao fato social, conceito central em sua sociologia e que aponta as formas de agir, pensar e sentir a que são levadas as pessoas como decorrência de forças externas a elas.

uma essência definidora e atemporal. Daqui pode resultar uma abertura à tolerância para com o diferente, com o antagonico, com o distante.

É conhecida a história contada por Woodward (2012, segundo a qual, na antiga Iugoslávia, país dilacerado pela guerra⁵, o escritor Michael Ignatieff conversava com um soldado sérvio, tentando compreender por que antigos vizinhos e amigos buscavam matar uns aos outros. Enquanto as milícias croatas e sérvias trocavam tiros, o soldado explica ao jornalista a diferença entre as duas etnias, valendo-se de um maço de cigarros: “Vê isto? São cigarros sérvios. Do outro lado, eles fumam cigarros croatas.” / “Mas eles são, ambos, cigarros, certo?” / “Vocês estrangeiros não entendem nada”, conclui o interlocutor. Entretanto, a pergunta de Ignatieff perturbara o soldado que, passados alguns minutos, livra-se da arma e diz: “Olha, a coisa é assim. Aqueles croatas pensam que são melhores que nós. Eles pensam que são europeus finos e tudo o mais. Vou lhe dizer uma coisa. Somos todos lixo dos balcãs” (WOODWARD, 2012, p. 7-8).

O relato de Ignatieff resume um cenário social, além de ilustrar uma história de identidades, à semelhança do embate havido em Washington entre as forças de segurança e militantes pró-Trump e à semelhança do caso das adolescentes e a compra de uma touca de inverno “Alfa”. Ele presentifica, nas palavras de Woodward (2012, p. 8), dois processos identitários diversos, “dependentes de suas posições nacionais separadas, a dos sérvios e a dos croatas, que são vistos [...] como dois povos claramente identificáveis, aos quais os homens envolvidos supostamente pertencem”. Pelo menos, é assim que se veem em suas marcas identitárias, cujo sentido é adquirido “por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2012, p. 8). Esses traços são um aspecto fundamental no presente artigo, visto que salientam o caráter relacional da identidade até aqui esboçado: para existir, uma identidade depende de algo que lhe é exterior, de outra identidade, de uma substância que ela

120

⁵ O território da Iugoslávia, que em que habitavam povos de culturas distintas, após a Segunda Guerra Mundial, ficou sob o domínio de um regime ditatorial de origem comunista, que continha as divergências culturais e religiosas. Entretanto, com a morte do ditador Josip Broz Tito, a coesão nacional desapareceu, e o equilíbrio entre as repúblicas do norte (Croácia, Bósnia e Eslovênia) e as do sul (Sérvia, Kosovo e Macedônia) se rompeu. As tensões entre sérvios, croatas e bósnios originaram a Guerra da Bósnia, que começou em 1992 e se estendeu até 1995 (SILVA, s.d.). Ignatieff refere-se a este conflito, de que decorrerem milhares de mortes.

não é. No caso, a identidade croata é dependente da identidade sérvia que, embora diferente, “fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um ‘não croata’. A identidade é, assim, assinalada pela diferença” (WOODWARD, 2012, p. 9).

A identidade, inscrita em símbolos, ora é registrada por meio de cigarros fumados em cada lado da fronteira, ora é traduzida por bonés vermelhos, estampando a sigla MAGA, adotada por trumpistas, e ora é referida por uma touca desejada pelas adolescentes. Toucas, bonés, cigarros funcionam como significantes da diferença e da identidade dos sujeitos, com os quais eles aspiram ser identificados. Assim, transmitem ou sugerem sentidos, em um jogo tanto simbólico quanto social de afirmação do eu.

À GUIA DE conclusão

O artigo mostra que o conceito de identidade é, hoje, compreendido como uma obra artística que vai sendo construída aos poucos, ao longo da vida, e que é variável e múltipla, segundo os ambientes, os papéis e contratos sociais firmados e desempenhados pelos sujeitos.

Conforme o exposto, a partir da concepção não essencialista de identidade, constata-se que os indivíduos não *são* propriamente, mas que *estão sendo*. Compreender a questão identitária dos sujeitos como algo eminentemente relacional significa que, para se constituir, o sujeito precisa de algo exterior, de um outro, do diferente (WOODWARD, 2012). Compõe-se, assim, o hibridismo cultural (BHABHA, 1998; SOUZA, 2004), concepção que postula que a cultura, dentro da qual se dá o sentido da experiência humana e onde se forjam as identidades individuais e coletivas, é “algo híbrido, produtivo, dinâmico, aberto, em constante transformação; não mais um *substantivo*, mas um *verbo*” (SOUZA, 2004, p. 125). Essa concepção vem ao encontro das reflexões aqui elaboradas.

Reconhecer que aquilo que o sujeito considera ser é, na verdade, um fazer com o qual se habitua devido à regularidade; reconhecer que os indivíduos se constituem na relação com aquele que não são e que se modificam ao longo do tempo, assumindo diferentes identidades em uma mesma fase da vida, segundo os diferentes contextos, é assumir uma concepção essencialmente relacional de identidade. Nessas reflexões, uma conclusão se define: o caráter relacional da

identidade, traçado a partir dos estudos aqui citados, abre portas para a aceitação da relatividade da cultura, de forma análoga à assumida por Hall (1997). Ao refletir sobre a representação, sobre os processos simbólicos pelos quais as pessoas usam a linguagem para produzir e decodificar significados, o autor britânico-jamaicano afirma que há a necessidade de se aceitar “um grau de *relativismo cultural* entre uma cultura e outra [...] e daí a necessidade de *tradução* enquanto nos movemos de uma mentalidade ou universo conceitual de alguma cultura para outra” (HALL, 1997, p. 45, tradução nossa, grifo do autor).

Assim como deve haver uma aceitação entre culturas e uma compreensão para com as culturas de outras épocas, a questão da identidade deve se orientar para o reconhecimento e para a aceitação da diversidade. Eis uma conclusão que, certamente, não é nova, mas que se faz necessária em tempos de conflitos, de grupos segregados entre si, firmes em seus ambientes simbolicamente construídos e que acabam, por vezes, se afirmando por meio da violência e da exclusão.

A identidade é cambiante e múltipla, no tempo e no espaço, o que torna apropriado perguntar não sobre quem os indivíduos são, mas sobre quem podem se tornar, visto que, segundo Hall (2000), a questão da identidade não tem a ver com um retorno às raízes, mas com certa negociação com as novas rotas e rumos. Consequentemente, refletir sobre a identidade leva à percepção de que a volta a um passado dourado, que nunca houve, é impossível, mas conduz, também, ao reconhecimento da condição humana de que fala Bauman (2001), a qual gera cooperação e solidariedade.

122

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: Modos de organização*. São Paulo. Contexto, 2012.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico [...]*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, Stuart. The Work of Representation. *In: HALL, Stuart. Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres / Nova Déli: The Open University, 1997.

MARIN, Elizara Carolina. Mídiaização da vida. *Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 11(1), Belo Horizonte, abr. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/913/709>. Acesso em: 29 jul. 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SILVA, Daniel Neves. Guerra da Bósnia e a fragmentação da Iugoslávia. [S.d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-bosnia.htm>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SMITH, Gregory A. *About a third in U.S. see God's hand in presidential elections, but fewer say God picks winners based on policies*. 2020. Disponível em: <https://pewrsr.ch/3PFOfX>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOUZA, Lynn M. T. M. de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. *In: ABDALA JR., Benjamin (Org.). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 113-133.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Artigo Recebido em: 17 de julho 2021

Artigo Aprovado em: 05 de dezembro de 2021